
EDUCAÇÃO FÍSICA

MANUELA LAUAND ASCENÇÃO

TRANSTORNO DE IMAGEM CORPORAL, CULTO AO CORPO E
ESTEROIDES ANABOLIZANTES: UMA REVISÃO DE
LITERATURA



Rio Claro
2017

MANUELA LAUAND ASCENÇÃO

TRANSTORNO DE IMAGEM CORPORAL, CULTO AO CORPO E
ESTEROIDES ANABOLIZANTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA.

Orientador: Carlos Alberto Anaruma

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências
da Universidade Estadual Paulista “Júlio
de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio
Claro, para obtenção do grau de
Bacharela em Educação Física.

Rio Claro

2017

796.01 Ascensão, Manuela Lauand
A811t Transtorno de imagem corporal, culto ao corpo e
 esteroides anabolizantes : uma revisão de literatura / Manuela
 Lauand Ascensão. - Rio Claro, 2017
 31 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro
Orientador: Carlos Alberto Anaruma

1. Esportes - Aspectos psicológicos. 2. Esteroides
anabolizantes. 3. Transtorno de imagem corporal. 4.
Vigorexia. 5. Culto ao corpo. 6. Influência da mídia. I. Título.

AGRADECIMENTOS

A vida é feita de ciclos. A cada ciclo que vivemos aprendemos coisas; experimentamos novas sensações e sentimentos; crescemos e evoluímos.

Agradeço a minha família, pois sem vocês nada disso teria acontecido. Obrigada por fazerem o possível e o impossível para eu chegar onde estou; por nunca deixarem faltar nada - desde amor, carinho e atenção até coisas materiais; por me apoiarem e acreditarem em mim desde o início. Essa conquista eu dedico a vocês. Nada que eu escreva será suficiente para demonstrar o tamanho do amor e gratidão que eu sinto.

Aos meus amigos de Araraquara: gratidão por ter vocês. Nos conhecemos desde criança e não há distância que nos separe. Obrigada por cada abraço cheio de saudade e pelos diversos conselhos e cuidado, mesmo que de longe. Sei que posso contar com vocês, não importa onde eu esteja.

Agradeço a todos que me apoiaram nesses 4 anos de muito aprendizado e crescimento. A vida longe de casa me ensinou muitas coisas e eu sempre soube que um dia sentiria falta de Rio Claro.

A graduação me trouxe muito mais do que conhecimento teórico. Foram muitas histórias, conversas, festas, almoços/jantas, risadas, provas, trabalhos, seminários, noites sem dormir, cursos, congressos e novas amizades. Levarei comigo muitas lembranças incríveis da Unesp - é muito difícil me despedir disso tudo.

Diante dessa despedida gostaria de agradecer imensamente todos os meus amigos de Rio Claro. Todas as meninas que passaram pela Rep. Misseduz e fizeram minha vida mais colorida e iluminada, obrigada por cada janta, cada conversa e risada. Vocês fazem parte da minha história.

Família sem amanhã: foram quatro anos de convivência e é muito gratificante ver a evolução pessoal e profissional de cada um. Obrigada por cada história, festas, apresentações de trabalhos e pelo laço que criamos.

Meu orientador Carlos Alberto Anaruma, por me orientar e ajudar neste trabalho de conclusão de curso.

Aos alunos, professores e proprietários da Atmos Academia, obrigada por contribuírem para meu crescimento profissional e me ensinarem tanta coisa, todos

os dias. Obrigada por acreditarem em meu trabalho e compartilhar da mesma paixão que a minha.

Gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para meu crescimento e me fizeram feliz em algum momento.

Um ciclo se fecha, mas as lembranças ficam guardadas no coração. Mantereí em mim as minhas lembranças favoritas de vocês, imaginando as marcas que pude deixar e os sentimentos que plantei. Assim, permaneceremos sempre juntos, em forma de saudade. “Saudade é o amor que fica”.

Ao universo, agradeço a oportunidade. Enorme gratidão por me presentear com tantos momentos felizes, experiências fundamentais para meu crescimento e por colocar tantas pessoas incríveis em minha vida!

Resumo

A cultura pós-moderna regida pelas leis do mercado, do consumo e do espetáculo é definida como a cultura da troca de valores, do vazio, do imediatismo, do narcisismo. A influência desta cultura faz o 'parecer' se sobrepor ao 'ser'. Atualmente tem ocorrido uma intensificação do culto ao corpo, em que é cada vez mais crescente a preocupação com a imagem e a estética. Deste modo, os padrões de beleza de nossa sociedade influenciam muito na imagem corporal das pessoas, incitando a busca por artifícios nem sempre saudáveis para o encontro deste corpo perfeito idealizado, entre eles a prática exagerada de exercícios, cirurgias plásticas estéticas, bulimia, uso de esteróides anabolizantes, entre outros. A mídia veicula imagens de corpos perfeitos através de comerciais, novelas e filmes, causando assim um impacto na sociedade e uma busca desenfreada pela perfeição, acoplando uma vaidade excessiva que pode desencadear problemas psicológicos nos indivíduos. Nas últimas décadas, pudemos observar o crescimento do consumo de esteróides anabolizantes, suplementos e fármacos por frequentadores de academia e praticantes de musculação em busca do corpo ideal no menor período de tempo possível. Neste aspecto, é necessário investigar algumas vertentes da história dos esteróides anabolizantes, seu uso com fins estéticos e a visão do corpo ideal ao longo dos anos. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar reflexões sobre como o transtorno de imagem corporal e a influência da mídia podem ser elementos motivadores, e, portanto, um fator de risco ao consumo de esteróides anabolizantes por indivíduos não atletas frequentadores de academias.

Palavras-chaves: Esteróides anabolizantes. Transtorno de imagem corporal. Vigorexia. Culto ao corpo. Influência da mídia.

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	6
2.0 JUSTIFICATIVA	8
3.0 OBJETIVOS	9
4.0 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	10
5.0 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	11
5.1 História e Uso dos Esteróides Anabolizantes.....	11
5.2 Visão do corpo ao longo da história.....	13
5.3 Transtorno de imagem corporal e uso de esteróides anabolizantes.	16
5.4 Influência da mídia nos padrões de beleza.	20
6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1.0 INTRODUÇÃO

É público e notório que nas últimas décadas jovens de ambos os sexos estão consumindo esteróides anabolizantes (EAs) a fim de melhorar suas performances no esporte. Da observação da musculatura dos atletas, esta droga que aumenta a síntese de proteína nos músculos e garante uma hipertrofia muscular rápida e exuberante na maioria das vezes, agora passa a ser usada com fins estéticos. Neste contexto a melhora na aparência física passou a ser objetivo de jovens e adultos das mais diferentes idades. Contudo, não se considera como um fator de risco para o uso o perfil psicológico dos usuários de EAs e sua avaliação de auto-imagem corporal (KINDLUNDH, 2001). Para este autor as características dos usuários de EAs se estendem para além das atividades de treinamento de força e múltiplas drogas e inclui aspectos sociais, de personalidade e de saúde. Assunção (2002) nota que os usuários confiam que os EAs atuam, tanto de maneira direta (hipertrofia muscular), quanto indireta, proporcionando sessões de treinamento mais frequente e intensos, tornando o usuário mais disposto e menos fatigado.

O uso abusivo de esteróides anabolizantes, substâncias estimulantes e derivados; que alteram as respostas metabólicas frente ao exercício continua se difundindo em larga escala entre atletas e não atletas; homens e mulheres, adolescentes e jovens de diferentes classes sociais e culturas (DAMASCENO et al., 2005).

Esse tipo de comportamento existente nas diferentes regiões brasileiras pode estar retratando a insatisfação dos jovens com o próprio corpo, sendo que este sentimento pode ter sido desencadeado e sustentado por fatores sociais e culturais. A insatisfação com o corpo, embora seja mais elevada entre os adolescentes e os jovens adultos, surge por volta dos 15 anos, mas é bastante comum entre pessoas mais maduras (REVISTA FAPESP, 2003).

Outro fator que influencia esta insatisfação com o corpo parece estar associado à exposição contínua dos padrões de beleza estampados em jornais, revistas e programas de televisão ou mesmo em anúncios de medicamentos, carros, academias e cosméticos. Esse distúrbio pode ser disparado por uma conjunção de quatro fatores – genéticos, sociais, culturais e psicológicos – e provavelmente tem origem orgânica no mau funcionamento de áreas cerebrais relacionadas ao desenvolvimento da personalidade e onde se dá a imagem mental que cada pessoa

tem de si mesma, tais áreas cerebrais ainda não foram mapeadas por psiquiatras e neurologistas (CHUNG, 2001; HITZEROTH et al., 2001; MAYVILLE et al., 2002).

O uso de esteróides acarreta em inúmeros efeitos colaterais à saúde, alguns sérios e irreversíveis, o que torna um assunto importante do ponto de vista da saúde pública. Conhecer os motivos que levam as pessoas a usarem este tipo de droga com fins estéticos pode ser o caminho mais curto para a proposição de políticas públicas que ajudem a coibir e desencorajar o seu uso.

2.0 JUSTIFICATIVA

No Brasil há ocorrências frequentes a respeito do consumo irregular de esteróides anabolizantes. Do ponto de vista da auto imagem corporal, podemos destacar aspectos problemáticos envolvendo a questão dos estímulos gerados nas diversas mídias e que motivam as pessoas saudáveis a consumirem essas substâncias anabólicas. O transtorno pode aparecer em duas fases. Uma quando o indivíduo usa para tentativa de corrigir o corpo que considera pouco atraente, e outra quando mesmo com massa muscular considerável, o indivíduo continua tomando cada vez mais para atingir um objetivo que, acredita, ainda não alcançou. Com isso, a pesquisa se propõe a levantar informações na literatura sobre a influência da mídia na criação de uma imagem corporal ideal, mas totalmente deslocada da realidade das pessoas e estabelecer uma possível relação entre a utilização de esteróides anabolizantes para sanar rapidamente a ocorrência de distúrbio de imagem corporal e de baixa autoestima.

3.0 OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivo apresentar por meio de uma revisão de literatura algumas reflexões sobre a questão do transtorno de imagem corporal acoplado ao uso de esteróides anabolizantes e avaliar a concepção de corpo ao longo da história, relatando a influência da mídia e da atual sociedade de consumo relacionada ao culto do corpo sobre o ideal de imagem corporal nos dias de hoje. Tal proposta foi baseada em estudos teóricos, de modo que este trabalho bibliográfico sirva de orientação para futuros estudos.

4.0 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Este estudo constitui-se de uma revisão da literatura especializada, no qual realizaremos consultas a livros e periódicos presentes na Biblioteca da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" (UNESP) – campus de Rio Claro e por artigos científicos selecionados através de busca no banco de dados do scielo, pubmed e google acadêmico.

As palavras-chave utilizadas na busca foram: esteróides anabolizantes; imagem corporal; vigorexia; hipertrofia muscular; culto ao corpo; corpo; grécia antiga; mídia.

5.0 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

5.1 História e Uso dos Esteróides Anabolizantes.

Há diversas substâncias que acarretam aumento da síntese protéica e conseqüentemente aumento da massa muscular. Os esteróides anabolizantes têm a função primária de desenvolver e manter características sexuais masculinas, bem como atividades anabólicas semelhantes à testosterona (BROWER et al., 1989).

Os esteróides vêm sendo usados há muitos anos. Na Grécia Antiga, testículos de carneiros (fonte de testosterona) eram usados por atletas olímpicos para um melhor desempenho. Um fisiologista francês, chamado Charles Eduard Brown Séquard relatou que injetou em si mesmo um líquido proveniente de cães e porcos da Índia, com o intuito de rejuvenescer. Após, expôs que sua força física e energia progrediram.

A testosterona foi isolada, caracterizada quimicamente e sintetizada em laboratório em 1935. O primeiro uso não-médico dos EAs foi feito por soldados alemães na II Guerra Mundial com o intuito de aumentar a agressividade, além de tratar certas doenças ligadas à debilidade crônica, depressão e recuperação de grandes cirurgias (FULLER, 1993; JOHNSON, 1990).

Os anos 50 marcaram o início do uso, mas só nos anos 70 pudemos observar um aumento progressivo do uso de esteróides anabolizantes entre atletas competitivos e o início do uso entre atletas recreativos, inclusive entre as mulheres (JOHNSON, 1990).

Atualmente faz parte da cultura dos frequentadores de academias e está cada vez mais “comum”. O ano de 1975 ficou marcado pela inclusão dos esteróides anabolizantes na lista de drogas consideradas “doping” pelo Comitê Olímpico Internacional (KENNEDY, 1992).

Após isso, o ano de 1988 teve um marco histórico dessa questão, pois o atleta Ben Johnson perdeu sua medalha olímpica em Seul devido ao uso de EAs (FULLER, 1993). Tal acontecimento foi um dos maiores escândalos sobre o uso de doping entre atletas de elite.

Os esteróides anabolizantes são derivados sintéticos do hormônio masculino testosterona e seu uso está associado a problemas físicos e psiquiátricos. A testosterona estimula o crescimento muscular e o desempenho sexual. Como outros

esteróides, usados em altas doses, provocam sérios efeitos colaterais: maiores riscos para o desenvolvimento de doenças coronarianas, hipertensão arterial, tumores hepáticos, risco de tumores de próstata, hipertrofia prostática, problemas de ereção, atrofia testicular, aumento da força, produção de eritropoietina e glóbulos vermelhos, formação óssea e a quantidade de massa magra, aumento do desejo sexual, ocorrência de acne, aumento na incidência de aterosclerose e aumento da quantidade de pêlos corporais, atrofia mamária, alteração da voz, hipertrofia do clitóris e amenorréia em mulheres. Em relação às alterações de comportamento, pode causar condutas agressivas, sintomas depressivos quando está em abstinência e quadros psicóticos (ASSUNÇÃO, 2002).

Entre 1997 e 2000 um tribunal de Perpignan, localidade do Sul da França, condenou aproximadamente 25 pessoas da acusação de tráfico e consumo de substâncias entorpecentes; entre eles atletas que compunham equipes de ciclismo amador. A confissão de dois deles, Grégory Delfour e Eric Martin, foi crucial para as autoridades descobrirem a rede e respectivas ligações à Bélgica e à Holanda, no qual a principal figura era um massagista de formação holandesa. Da hesitação a dependência; muitos começam a dopar-se dentro da equipe, onde as propostas partem de dirigentes da equipe na ambição de vitória e não há outra hipótese senão aceitar.

Recentemente, um estudo constatou os efeitos benéficos de decanoato de nandrolona. A substância mostrou-se capaz de frear a diminuição da densidade óssea e de revertê-la, fazendo-a aumentar em cerca de 5% após dois anos de tratamento, além de reduzir pela metade a incidência de fraturas, (FRISOLI, 2002). O decanoato de nandrolona produz um efeito semelhante ao produzido pelos hormônios naturais que são produzidos em taxas cada vez menores à medida que a idade avança, "é como uma reposição hormonal global".

Segundo o autor, são poucos os ensaios a respeito da utilização desse anabolizante na osteoporose, com resultados em média pouco significativos e que esse fator possa provocar uma subestimação dos benefícios da substância no combate à doença (FRISOLI, 2002).

Um estudo populacional, realizado em 1988 nos EUA, estimou em mais de um milhão os usuários de EAs. A média de idade para início do uso na população de adultos é de 18 anos. Para os adolescentes, a média de idade de início do uso é de 15 anos (YESALIS, 1992).

Mesmo não havendo dados epidemiológicos brasileiros, esses estudos nos dão ideia da dimensão exata do problema, deixando a incerteza de quando realmente se inicia o consumo destas substâncias.

Outro estudo realizou uma avaliação do conhecimento dos profissionais de educação física que atuam na área de musculação sobre o uso e efeitos de EAs em praticantes de musculação e pode concluir que o conhecimento dos EAs por professores de musculação é limitado ao conhecimento de conceitos e efeitos adversos (CELEPRIN, 2010). Então fica o questionamento: será que os profissionais de Educação Física estão preparados para debater o assunto e ajudar seus alunos?

5.2 Visão do corpo ao longo da história.

De modo geral, o homem é visto como um ser composto de duas partes diferentes, uma parte material (representada pelo corpo), e outra espiritual (representada pela consciência). Essas duas partes do homem não têm o mesmo peso por parte dos filósofos. Ao espírito cabe o comando e ao corpo, a obediência. Tal visão persiste desde a antiguidade grega até os dias atuais.

Platão acreditava no ser dualista, um ser composto de corpo e alma e que necessitava de uma educação diferente para cada parte. Havia uma desvalorização do corpo: ao corpo um mundo sensível, que sofre a corrosão do tempo, degrada e envelhece; e a alma pertence ao mundo superior das ideias, escapa à ação corrosiva do tempo e é eterna. É estranho pensar sobre essa desvalorização na Grécia Antiga, mas a valorização dos Jogos Olímpicos e da ginástica era na verdade valorização da alma, pois Platão entendia o corpo como lugar onde a alma deveria ficar aprisionada, assim sendo era necessário cuidar e valorizar o corpo como meio de atingir a alma. Na Grécia Antiga a ideia de corpo era muito clara: tinha que ser forte, bonito e saudável. O Estado tinha grande interesse e admirava corpos atléticos (por causa dos Jogos Olímpicos), saudáveis (interessava o Estado em razão das guerras que havia) e fértil.

Enquanto na Antiguidade o corpo, embora inferior, era considerado um meio de atingir a perfeição da alma, na Idade Média, o corpo era considerado um obstáculo para a alma atingir a perfeição. Nessa época, o corpo era visto como fonte de pecado e por isso deveria ser negado. O corpo era pecador, por isso não era

permitido qualquer tipo de manifestação corporal, qualquer preocupação com o corpo. Santo Agostinho dizia que o homem era considerado perfeito quando fosse capaz de negar o próprio corpo fazendo sacrifícios, como jejuns e vigílias. O corpo feminino era considerado mais perigoso e tentador.

No Renascimento o homem recupera o lugar no mundo, se transformando em um sujeito ativo e podendo transformar a natureza para seu bem e proveito. Embora o homem passe a ser valorizado com o antropocentrismo, ele ainda é visto como razão e corpo, na qual a razão é a parte mais importante, e o corpo deve ser a ela subordinado. Nesta época, a mulher renascentista e o modelo ideal de beleza feminina sofreram várias transformações: de magra a gorda, e de natural a pintada. A silhueta e o rosto femininos foram mudando dando origem a novos padrões de aparência e gosto, a novos ideais de beleza e erotismo.

Na Idade Moderna surgiu a anatomia e a medicina científica e o corpo foi um objeto de conhecimento. Descartes era expoente do pensamento moderno e para ele o homem era constituído de duas substâncias: uma pensante que era a razão de sua existência, a alma. E uma segunda substância, o corpo, que não tinha nada em comum com a alma, apenas uma glândula no cérebro é que “ligava” a alma com o corpo.

Até o século XVIII o corpo era comparado a uma máquina (mecanicismo), mas a partir desse século surgiu uma nova corrente, os vitalistas. Eles diziam que o corpo não é uma máquina insensível, mas um ser repleto de sensibilidade, emoções e afeições e que não é imortal, mas um conjunto de “forças que lutam contra a morte”.

Por quase dois mil anos, o corpo foi considerado “uma pedra no meio do caminho”, mas pouco a pouco o corpo foi sendo reabilitado. Hoje possuímos um homem mais preocupado com seu corpo, pois o caráter materialista dessa civilização aplica isso. Entretanto, essa preocupação não é integral, é obsessiva e acaba sobrecarregando o corpo.

Nos dias atuais, diferente de outros tempos, temos uma supervalorização do corpo. Tudo está em torno do corpo, confecção de roupas, alimentos, dietas, exercícios e academias, profissões para cuidar do corpo, etc. Essa supervalorização do corpo acabou caindo em outro extremo, ou seja, estamos na geração do corpo perfeito.

Atualmente o conceito de beleza não é mais o mesmo (REISS, 1993; STRIEGEL-MOORE et al., 1986 apud PHILIPPI et al., 2004). Como se pode ver anteriormente, o corpo renascentista era cheio de curvas, entretanto hoje em dia o homem passou a valorizar um corpo cada vez mais magro, atlético e cheio de músculos (PHILIPPI et al., 2004).

Nos dias de hoje a moralidade, liberdade e aparência estética ou imagem corporal fez da academia um poderoso passaporte de circulação social, no campo do trabalho da sociabilidade e da sexualidade. A multiplicação em porte elevado e constante dos centros de ginástica e a rapidez com que as academias se inseriram no repertório de instituições sociais evidenciam o impacto e um significado peculiar que a ginástica assumiu na cultura do brasileiro. Acredita-se que a frequência regular nos indivíduos em academias de ginástica é um regime corporal, cujo sentido é construir uma identidade pessoal com funções de equilíbrio, no sentido de aprimorar suas relações sociais (NOVAES, 2001).

O período pré-industrial foi marcado por uma carência alimentar. Naquela época, o perfil de beleza feminino era um corpo com alguns depósitos de gordura, pois tal corpo tinha representatividade de uma mulher forte e com energia para proteger sua família (ANDRADE & BOSI, 2003; INAD, 2004; ALMEIDA et al.; 2005 apud LEGNANI et al., 2012).

Diferente de outros tempos, como a Idade Média, o corpo hoje é um objeto de consumo. A mídia dos países ocidentais o expõe a todo o momento. Hoje o corpo não precisa mais ser escondido por longos vestidos, e não está mais abaixo da alma em questão da importância. Pelo contrário, quanto mais exposto ele estiver, melhor.

Por um lado a ciência, por outro, uma cultura que se difunde através de padrões de conduta e padrões culturais espelhados pela estonteante perfeição física do Deus grego Apolo.

Mesmo sem a garantia implícita de que as formas harmoniosas assegurem a aceitação social, homens e mulheres, tão logo aprendem a reconhecer a própria imagem no espelho, perseguem o ideal de beleza física do momento – hoje marcado por contornos musculosos, de corpos esculpidos e bem definidos de personagens que transitam pela mídia e em locais de destaque no mundo artístico de âmbito nacional e internacional.

5.3 Transtorno de imagem corporal e uso de esteróides anabolizantes.

A imagem corporal está ligada a auto-estima, que significa amor próprio. A primeira manifestação da perda da autoconfiança é notada quando a forma física que se tem não está de acordo com o esteriótipo idealizado pela sociedade (BUCARETCHI, 2003). Ela pode ser definida como uma representação mental que um indivíduo faz sobre seu corpo, ou seja, é a forma como ele se enxerga (CHAIM; IZZO; SERA, 2009; MATSUO et al., 2007; SAIKALI et al., 2004; KAKESHITA; ALMEIDA, 2004) e contém três componentes: perceptivo, no qual irá representar o peso e forma corporal do indivíduo; o subjetivo que refere-se aos sentimentos que o indivíduo tem sobre sua aparência, e o comportamental que relaciona aqueles momentos que o indivíduo evitou devido ao desconforto (receio) com sua aparência (COSTA et al., 2007; FERNANDES, 2007; SAIKALI et al., 2004).

A auto-avaliação da imagem corporal pode acontecer de três formas: o indivíduo é muito crítico em relação a sua aparência ou pensa em extremos dela; o indivíduo compara a aparência com padrões extremos da sociedade; ou o indivíduo se concentra apenas em um aspecto relacionado à sua aparência (SAIKALI et al., 2004; CHOI, POPE E OLIVARDIA, 2002).

Segundo Morris (2004), o desenvolvimento da personalidade de um indivíduo pode ser analisado por diversas teorias. Por um lado, a personalidade refere-se a diferenças singulares – aqueles aspectos que distinguem uma pessoa de todas as outras. Por outro lado, a definição afirma que a personalidade é relativamente estável, duradoura e que essas diferenças individuais dificilmente mudam. Os psicólogos abordam o estudo da personalidade de várias maneiras. Alguns tentam identificar suas características mais importantes, outros procuram entender por que existem diferenças de personalidade. Dentro desse segundo grupo, alguns psicólogos identificam a família como o fator mais importante no desenvolvimento da personalidade. Outros enfatizam as influências ambientais externas, e alguns consideram a personalidade o resultado da maneira como aprendemos a pensar a respeito de nós mesmos e de nossas experiências.

A distorção da imagem corporal pode ser um fator decisivo para o desenvolvimento de transtornos alimentares, e muitas vezes é mais influenciado pela percepção que o indivíduo tem de sua imagem corporal do que pelo próprio peso em si (COSTA et al., 2007; RIBEIRO; VEIGA, 2010)

A preocupação excessiva com o corpo foi descrita no Manual de Diagnósticos e Estatísticas da Associação Psiquiátrica Americana como uma distorção da auto-imagem chamada dismorfia muscular. Está **francamente associado ao uso de esteroides anabolizantes**, pois os indivíduos sentem vontade de aumentar a massa muscular sem a preocupação com a saúde. Tal distorção da auto-imagem envolve uma preocupação de não ser suficientemente forte e musculoso em todas as partes do corpo, caracteriza-se pelo fato de homens, mesmo sendo fortes, apresentarem medo de parecerem fracos e “pequenos” e algumas vezes consideram que sua massa magra é insuficiente. Estes indivíduos evitam exposição de seus corpos em público, pois sentem vergonha, além de não praticarem atividades aeróbias, pois temem perder massa muscular (ASSUNÇÃO, 2002).

Existem nove variáveis da dismorfia muscular na literatura, são elas: massa corporal; influência da mídia; internalização do ideal de forma corporal; baixa auto-estima; insatisfação pelo corpo; falta de controle da própria saúde; efeito negativo; perfeccionismo e distorção corporal (GRIEVE, 2007).

Segundo Baptista (2005), indivíduos que sofrem de vigorexia estão no grupo de frequentadores de academia que realizam exercício físico em excesso na busca de um corpo perfeito.

Outro estudo notou que a Vigorexia afeta com maior frequência homens entre 18 e 35 anos, mas também pode ser observada em mulheres. O nível socioeconômico destes indivíduos é variado, mas na maioria dos casos é mais frequente na classe média baixa (ALONSO, 2006; GRIEVE, 2007).

Essas pessoas se tornam perfeccionistas consigo mesmas e obsessivas pelo exercício, passando horas dentro das academias. Estes complexos podem ser agravados pela busca inconstante da beleza física, acompanhadas de ansiedade, depressão, fobias, atitudes compulsivas e repetitivas - como olhadas seguidas no espelho, prejuízo sócia e ocupacional. Em consequência disto, a preocupação com o treinamento físico e com a dieta, pode levar ao uso de substâncias ergogênicas. O uso de esteróides anabolizantes nessa população pode ser desencadeado, ou mantido, pela presença de transtorno dismórfico corporal (ASSUNÇÃO, 2002).

Além do uso de esteróides anabolizantes, pode-se observar mais alguns comportamentos de risco em indivíduos com vigorexia, como o uso de excesso de peso durante os exercícios, sobrecarregando ossos e tendões, músculos e articulações (CAMARGO et al., 2008).

Outro estudo feito nos Estados Unidos indica que os usuários de esteróides anabolizantes adolescentes são significativamente mais propensos a ser do sexo masculino e usar outras drogas, como álcool e tabaco. Estudantes atletas também são mais propensos do que os estudantes não-atletas. Os jogadores de futebol, lutadores, levantadores de peso, ciclistas e fisiculturistas também tem taxas de prevalência maiores sobre os estudantes que não se ocupam destas atividades (BAHRKE, 2000).

Em relação à auto-estima, um estudo realizado por Kanayama et al (2006), mostrou pouca diferença de indivíduos que utilizam esteróides anabolizantes dos que não utilizam em relação à auto-estima e imagem corporal, entretanto os indivíduos que usam esteróides anabolizantes apresentam mais sintomas relacionados à Dismorfia Muscular.

No âmbito dos fisiculturistas e levantadores de peso, o uso de suplementos e substâncias ergogênicas, incluindo esteróides anabolizantes, é muito comum. Dentre outros comportamentos, eles ainda controlam a ingestão calórica, a quantidade de sal da dieta e em alguns casos até usam medicamentos diuréticos pré-competição (ROGATTO, 2003; PERRY et al., 2005).

Um estudo feito por Lantz, Rhea e Cornelius (2002), com 100 fisiculturistas e 68 levantadores de peso, mostrou que os fisiculturistas apresentam maiores porcentagens de indicadores de Vigorexia do que levantadores de peso. Dentre os indícios, está a preocupação com tamanho do corpo e simetria, o uso de medicamentos e o comportamento alimentar. Isto indica que o fisiculturismo pode ser um fator de risco.

Existe pouca descrição na literatura sobre o tratamento da vigorexia. Geralmente utilizam-se métodos combinados no tratamento dos transtornos alimentares. Uma das estratégias utilizadas é a identificação de padrões distorcidos da imagem corporal, mas há pequena procura e pouca adesão pelo tratamento (ASSUNÇÃO, 2002).

Na tentativa de melhorar o rendimento físico e ficar mais musculosos, indivíduos portadores de Vigorexia utilizam esteroides anabolizantes de forma abusiva (CAFRI; VAN DEN BERG; THOMPSON, 2006).

O uso de Esteróides Anabolizantes vem crescendo bastante nos últimos anos. Não apenas para melhorar o desempenho em atletas, mas particularmente por

adolescentes que buscam melhorar a aparência física devido à influência da mídia e insatisfação com o seu biótipo (LIMA; SANTOS, 2009).

Algumas pesquisas já evidenciam o uso de anabolizantes com fins estéticos. Um estudo feito por Maior et al. (2009) em Rio Grande e Pelotas notou que, de 506 voluntários, 58% dos usuários de esteroides anabolizantes relacionaram o uso ao treinamento de força visando a estética corporal.

Na cidade de São Paulo, Silva e Moreau (2003) realizaram um estudo com 209 indivíduos, tendo como resultado 19% sendo usuários. Destes indivíduos 82% utilizou visando a estética, sendo que 90% dos usuários era do gênero masculino.

Em Porto Alegre, Silva et al. (2007), analisaram 288 indivíduos, no qual 65% eram homens e 35% mulheres, sendo que 83% praticavam a musculação com seu foco na estética.

Um estudo feito por alunos de graduação do curso de Farmácia, da Universidade Vila Velha (ES), com usuários de esteróides anabolizantes frequentadores de academias da Grande Vitória, revelou que a maioria dos indivíduos fazia uso de EAAs por motivos estéticos (86%) (SERAFINI; COMINOTTI; ANDRADE; 2006).

Gomes et al. (2012) buscaram evidenciar o uso indiscriminado de EAAs avaliando a utilização por praticantes de musculação nas principais academias do Bairro de Itapoã e Praia da Costa da cidade de Vila Velha (ES). Tal estudo mostrou que 52% dos alunos usam os esteróides com objetivos estéticos; 24% por aumento da força e estética e 14% para aumentar a força.

De acordo com Iriart, Chaves e Orleans (2009), nos dias atuais o corpo é alvo de uma atenção redobrada, com isso o uso dos esteróides acontece pela preocupação em se obter o corpo perfeito.

Silva e Moreau (2003) analisaram as motivações para prática de musculação e uso de esteróides anabólicos androgênicos por praticantes de musculação de grandes academias da cidade de São Paulo. Notaram que o principal fator que levou usuários e ex-usuários de esteróides a praticarem musculação foi a possibilidade de melhora na estética corporal (82%), seguido da manutenção da saúde (41%). O principal motivo para o uso de esteróides também foi a melhoria da aparência, com a mesma incidência de 82%.

Um trabalho feito em Erechim e Passo Fundo, no RS, verificou o perfil dos

praticantes de atividade física das academias e a incidência de uso de esteróides anabolizantes. Avaliou-se 418 questionários. A percentagem de uso foi de 6,5%; todos os voluntários que declararam fazer uso de EAA eram homens e a estética e o ganho de força foram os principais motivos do uso de esteróides anabolizantes (FRIZON; MACEDO; YONAMINE, 2006).

Segundo Gomes (2007), a mídia busca criar uma imagem mental quando apresenta seus ídolos, deixando subjetivo que os indivíduos que atingem os seus corpos sentirão satisfação e prazeres. Os indivíduos passam a acreditar naquilo que a mídia apresenta e isto torna verdade para os corpos, assim sendo a mídia dita os padrões estéticos e comportamentais.

Devido a esses fatores expostos, podemos considerar a prática do uso de EAAs assunto preocupante. A mídia procura manipular os indivíduos cada vez mais, pois como podemos observar o principal objetivo de uso dos EAAs é estético.

5.4 Influência da mídia nos padrões de beleza.

A sociedade atual vem mostrando um padrão extremamente rigoroso em relação ao corpo ideal e não nota a produção de um sintoma coletivo que circula todos os ambientes. Assuntos relacionados à dietas, aparência física, cirurgias plásticas e a prática de exercícios físicos estão em toda parte: no trabalho, na escola e em festas (BUCARETCHI, 2003).

Muitos imaginam que o padrão de beleza está relacionado apenas às mulheres, e isto é um equívoco. De acordo com os padrões da atualidade, homens musculosos são indicativos de força e virilidade, a mídia cobra os homens para que os mesmos alcancem um corpo mais musculoso e com pouca quantidade de gordura, e para isso é necessário que pratiquem musculação podendo até desenvolver distúrbios alimentares e dismorfias musculares (DAMASCENO et al., 2006).

O conceito de beleza é virtual. Os indivíduos são pressionados a todo momento e tentam corresponder ao “padrão” de beleza da sua cultura – que é sempre bombardeado pela mídia-, e se não conseguem atingir algum objetivo sentem-se inferiores e menos atraentes. Muitos indivíduos enxergam o corpo como

sua identidade e controlam o peso como único modo de viver, em busca de um modelo de corpo utópico (ROSO, 1993 apud PHILIPPI et al., 2004).

A busca por um corpo baseado nas imagens que vemos, formatado para se encaixar no padrão estético atual, é uma constante que pode ser observada nas peças publicitárias, nos programas de televisão, nas imagens publicadas em revistas, nos corpos apresentados no cinema e nas fotografias compartilhadas pelos usuários nas redes virtuais da internet. Atualmente existe um processo de devoração. Esse processo, nominado de iconofagia, acontece em três estágios interdependentes: a) imagens devoram imagens; b) homens devoram imagens; c) imagens devoram corpos (SILVA; LONDERO, 2015).

Para Baitello Junior, “[...] o mundo das imagens iconofágicas possui uma dimensão abismal. Por trás de uma imagem haverá sempre uma outra imagem que também remeterá a outras imagens” (BAITELLO, 2000).

É possível afirmar que por trás de cada corpo contemporâneo há uma gama de imagens que o reconfigura, ou seja, com essa cultura contemporânea, as imagens reconfiguram os corpos, que passam a se comportar para alimentar mais imagens (SILVA; LONDERO, 2015).

Atualmente a sociedade faz da obesidade uma condição altamente rejeitada, muitas pessoas buscam o corpo “ideal” decorrente da pressão da mídia e a valorização e culto à magreza, ficando assim vulneráveis a desenvolver doenças e transtornos alimentares. As indústrias das dietas, atividade física, moda, cirurgia plástica usam os meios de comunicação para associar magreza com poder, atratividade e sucesso. As indústrias, junto com a mídia, bombardeiam informações e estabelecem padrões corporais impossíveis de serem atingidos pela maioria, convencendo a sociedade de que o corpo pode ser moldado de acordo com o nosso desejo (CORDÁS, 1995 apud NÓBREGA, 2007).

Uma das principais causas de alterações da percepção da imagem corporal é a forma como a mídia, sociedade e meio esportivo impõem um padrão corporal considerado o ideal, ao qual os indivíduos associam o sucesso e a felicidade (CONTI; FRUTUOSO; GAMBARDELLA, 2005).

Sabemos que atletas apresentam maior prevalência de Transtornos Alimentares do que não atletas (OKANO et al., 2005). Com isso, podemos observar também que a estética é supervalorizada em alguns esportes e serve como critério para a obtenção de resultados satisfatórios nas competições (VIEBIG et al., 2006).

Na década de 80, alguns atores/fisiculturistas como Sylvester Stallone, Arnold Schwarzenegger e Lou Ferrino eram considerados heróis e referência de corpo ideal pelo excesso de músculos obtidos através do uso de esteróides anabolizantes. Após isso, os praticantes de musculação levaram tais corpos como referência e almejam isso até os dias de hoje (PORTO; LINS, 2009).

Como vimos, a concepção de corpo nos séculos passados era diferente dos dias de hoje. Nos dias atuais a mídia exerce pressão sobre como deve ser o corpo de indivíduos de ambos os sexos. Para as mulheres o corpo magro é considerado ideal e representa certa aceitação na sociedade, para homens este padrão corresponde a músculos cada vez mais desenvolvidos, muitas vezes alcançados somente com o uso de substâncias como os esteroides anabolizantes (DAMASCENO et al., 2005).

Sibilia questiona: “[...] em pleno auge do ‘culto ao corpo’, o que é exatamente isso que tanto veneramos?” (SIBILIA, 2012, p. 102).

Na antiguidade o ideal estético greco-romano privilegiava a *mens sana in corpore sano*, talvez agora já seja possível falar em uma nova configuração: um corpo que não se preocupa mais em atender às necessidades biológicas de movimento, flexibilidade e força. Tal corpo é moldado através de imagens, corpo vazio, que não se sustenta mais com comida de verdade, mas que necessita de creatina, whey protein e outras substâncias. Corpo desenhado para atender a pressão das imagens publicitárias ou ao narcisismo dos vídeos e fotos divulgados nas redes sociais da internet. E a partir do momento que o corpo não atende às imposições do exercício físico, é moldado e remodelado por um bisturi (SILVA; LONDERO, 2015).

O sexo feminino é o mais pressionado em relação à aceitação do padrão corporal. A sociedade rejeita e julga pessoas obesas. Diante dessa situação, um número altíssimo de mulheres encontra-se insatisfeitas com seu corpo. O medo da obesidade e não aceitação social faz com que um número cada vez maior de mulheres faça dietas restritas, nunca se sintam satisfeitas com a forma física e faça uso de laxantes e diuréticos, além de se exercitarem de maneira exaustiva (BEATTY & FINN, 1995 apud FIATES; SALLES, 2001, p. 4).

O padrão de beleza dominante estabelece uma nova forma de censura ao corpo, não mais como fazia a Igreja antigamente, mas uma censura explícita aos

corpos que não se encaixam nas imposições da estética atual (SILVA; LONDERO, 2015).

Diante disso, a mais característica marca de nascença do ser humano é apagada. Sibilia refere-se ao uso de *Photoshop* em campanhas publicitárias, “as imagens expostas no mercado de produtos, serviços e aparências aderem a um ideal de pureza digital, longe de toda imperfeição toscamente analógica e de toda viscosidade exageradamente orgânica” (SIBILIA, 2004, p. 75).

Betti (2004) esclarece que as imagens representam as novas tendências mundiais. Elas influenciam os indivíduos sobre a compreensão da realidade formando estereótipos que condicionam as pessoas a determinados tipos de apreciação de acordo com os desejos do sistema capitalista. O mercado comanda a venda de determinados produtos, ou seja, existe um poder de agir sobre a autonomia dos indivíduos, fazendo da mídia uma grande formadora de opiniões. A mídia dita, diretamente ou indiretamente, qual deve ser as características do corpo para que este seja reconhecido e valorizado, fazendo com que as pessoas sejam influenciadas por várias imagens que são expostas a todo momento passando a ficar insatisfeitas com o próprio corpo.

6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente a concepção de corpo é deturpada. Os corpos hoje são produtos, vendidos nas mais diversas vitrines, principalmente os das mulheres que são “submissos” à mídia. Essa exibição do corpo criou uma obsessão pelo corpo perfeito, afetando jovens e adultos e desenvolvendo grandes problemas psicológicos como bulimia, anorexia, vigorexia, entre outros. Tal exibição também fez crescer o número de cirurgias plásticas, as academias são cada vez mais frequentadas por homens e mulheres de todas as idades, a indústria farmacêutica passou a exercer forte influência sobre as pessoas e o corpo tornou-se um objeto de consumo. Os corpos são submetidos a uma lógica de mercado, no qual a exibição parece se tornar a principal propaganda. O pagamento? A atenção da sociedade e likes de aprovação.

Pode-se concluir com essa revisão de literatura que a mídia vem criando modelos ideais a serem seguidos. Corpos magros e definidos, muitas vezes não visando à saúde, são vistos como entrada para o sucesso e a valorização pessoal e profissional. Com isso, a mídia torna-se um veículo influenciador da construção da imagem corporal e passa a contribuir para o aparecimento da vigorexia em indivíduos que se preocupam com o corpo, e como vimos nesse trabalho, esse distúrbio pode desencadear o uso de esteróides anabolizantes, tornando um problema de saúde pública. As redes sociais e a mídia televisiva são os que mais ditam padrões de beleza, quando só mostram corpos esculturais e muitas vezes irreais. Desse modo, também aumenta a pressão social, principalmente nas academias de ginástica, onde é preciso ter um corpo belo e musculoso para se “encaixar” na tribo.

É de extrema importância identificar e orientar o grupo de risco para o desenvolvimento de distúrbios alimentares. Tais evidências podem servir de alerta para os profissionais de educação física; que precisam estar preparados para atender o público obcecado por exercícios pesados e com transtornos de imagem corporal, pois os excessos também trazem muito prejuízo para o corpo. É necessário atenção com o problema da vigorexia e a elaboração de estratégias para a orientação e conscientização dos praticantes dentro das academias de ginástica.

A educação do corpo, seja nas aulas de Educação Física escolar ou na academia, deve promover e estabelecer a formação da corporeidade e compreender

o corpo como algo que somos e não algo que temos. O movimento não é um simples mecanismo, mas sim um gesto repleto de significados, que transmite ao outro nossa interioridade e pode-se completar com outros corpos.

Pressupomos que, a partir de uma contextualização reflexiva sobre o contexto histórico em que vivemos, os indivíduos possam refletir sobre suas ações e comportamentos, de modo que não se deixem levar pelo discurso e padrão imposto pela mídia (que quer fazer dos corpos uma máquina de competição, voltadas para o lucro de uma sociedade pragmática) e passem a enxergar o corpo como um elemento de resistência, que necessita ter saúde para enfrentar problemas e situações da vida diária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, C. A. M. Vigorexia: enfermedad o adaptación. **Revista Digital Buenos Aires**. v. 11, n. 99, 2005.

ASSUNÇÃO, S. S. M. Dismorfia Muscular. **Revista Brasileira Psiquiatria: São Paulo**. v. 24, supl. III, p. 80-84, 2002.

BAHRKE, M. S, et al. Risk factors associated with anabolic-androgenic steroid use among adolescents. **Sports Med. PubMed**, v.29, p. 397-405, 2000.

BAITELLO, J.N. **As imagens que nos devoram. Antropofagia e Iconofagia**. São Paulo: Centro interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, 2000.
Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/biblioteca/viewdownload/7-baitello-junior-norval/5-asimagens-que-nos-devoram-antropofagia-e-iconofagia.html>>. Acesso em 07 set. 2017.

BAPTISTA, A. N. Distúrbios alimentares em freqüentadores de academia. **Revista Digital Buenos Aires**. v. 10, n. 82, 2005.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. Psicologia & Sociedade, v. 23(1), p. 24-34, 2011.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. 3ed. Campinas: Papyrus, 2004.

BROWER, K.J. et al. **Anabolic-androgenicsteroiddependence**. 1989. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/2910837>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

BUCARETCHI, H.A. **Anorexia e Bulimia Nervosa: uma visão multidisciplinar**. São Paulo: Casa do psicólogo, 183p., 2003.

CAFRI, G.; VAN DEN BERG, P.; THOMPSON, J. K. Pursuit of muscularity in adolescent boys: relations among biopsychosocial variables and clinical outcomes. **J Clin Child Adolesc Psychol**. V. 35, n. 2, p. 283-291, 2006.

CAMARGO, T.P.P. et al. Vigorexia: revisão dos aspectos atuais deste distúrbio de imagem corporal. **Rev Bras Med Esporte**, v.2, n.1, p. 1-15, 2008.

CARMO Jr., W.do. **Dimensões filosóficas da educação física**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 2005.

CAVALARI, R. **O pensamento filosófico e a questão do corpo**. In: SOUZA NETO, Samuel. *Corpo para malhar ou para comunicar?*, São Paulo, Cidade Nova Editora, 1996.

CELEPRIN, R.F. et al. **Conhecimento dos profissionais de Educação Física a respeito dos esteróides anabólicos androgênicos na musculação**. 2010.
Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd150/esteroides-anabolicos-androgenticos-na-musculacao.htm>>. Acesso em: 05 abril. 2017.

CHAIM, J.; IZZO, H.; SERA, C.T.N. Cuidar em saúde: satisfação com imagem corporal e auto-estima de idosos. **O mundo da saúde**, v.33, n.2, p.175-181, 2009.

CHOI, P. Y. L.; POPE, H. G.; OLIVARDIA, R. Muscle Dysmorphia: a new syndrome in weightlifters. **Br J Sports Med**. V. 36, p.375-376, 2002.

CHUNG, B. Muscle dysmorphia: a critical review of the proposed criteria. **Perspect Biol Med**. V.44, n. 4, p. 565-574, 2001.

CONTI, M. A.; FRUTUOSO, M. F. P.; GAMBARDELLA, A. M. D. Excesso de peso e a insatisfação corporal em adolescentes. **Revista de Nutrição**: Campinas. V. 18, n. 4, 2005.

COSTA, et al. Distúrbios da imagem corporal e transtornos alimentares em atletas e praticantes de atividade física. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, v. 12, n. 114, p.1, 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd114/transtornos-alimentares-em-atletas.htm>>. Acesso em: 05. abril. 2017.

DAMASCENO, V. O. et al. Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de treinamento resistido. **Rev Bras Med Esporte**, v.11, n.3, p. 181-186, 2005.

DANTAS, E. H. **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

FERNANDES, A.E.R. **Avaliação da imagem corporal, hábitos de vida e alimentares em crianças e adolescentes de escolas públicas e particulares de Belo Horizonte**.2007. 144p. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

FIATES, G. M. R.; SALLES, R. K. Fatores de risco para o desenvolvimento de distúrbios alimentares: um estudo em universitárias. **Rev. Nutr.**, Campinas, 14 (suplemento), p. 3-6, 2001.

FRISOLI, Jr A. Efeitos do decanoato de nandrolona sobre a densidade óssea e massa muscular de mulheres idosas com osteoporose: ensaio clínico, duplo cego e randômico. **Revista Paulista de Reumatologia** , v. 1, p. 5-5, 2002.

FRIZON, F.; MACEDO, S.M.D.; YONAMINE, M. Uso de esteróides andrógenos anabólicos por praticantes de atividade física das principais academias de Erechim e Passo Fundo/RS. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, v. 26, n. 3, p.227-232, 2006.

FULLER, M.G. Anabolic-androgenic steroids: use and abuse. **Comprehensive Therapy Journal**. P. 69-72, 1993.

GOMES, L.R.R. **O Consumismo e a percepção do corpo (a construção da imagem corporal nas academias de Vitória)**. Universidade São Marcos, São Paulo, 2007.

GOMES, L.R.R. et al. Uso de esteróides anabólicos androgênicos por praticantes de musculação em academias de Vila Velha, ES. **Efdeportes.com, Revista Digital.**, Buenos Aires, Año 17, n. 172, set. 2012

GRIEVE, F. G. A. Conceptual model of factors contributing to the development of muscle dysmorphia. **Eat Disord,USA**. v. 15, n. 1, p. 63-80, 2007.

GUSDORF, G. **A agonia da nossa civilização**. 2 ed. São Paulo. Editora Convívio, 254p., 1982.

HITZEROTH, V. et al. Muscle dysmorphia: a South African sample. **Psychiatry Clin Neurosci**. v. 55, n. 5, p. 521-523, 2001.

IRIART, J.A.B.; CHAVES, J.C.; ORLEANS, R.G de. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2009.

JOHNSON, N.P. Was Superman a junky? The fallacy of anabolic steroids. **Journal of the South Carolina Medical Association**. P. 46-58, 1990.

KAKESHITA, I.S.; ALMEIDA, S.S. Relação entre índice de massa corporal e a percepção da auto-imagem em universitários. **Rev. Saúde Pública**, v.40, n.3, p.407-504, 2006.

KANAYAMA, G., et al. Body image and attitudes toward male roles in anabolic-androgenic steroid users. **American Journal of Psychiatry**. v. 163, n. 4, p. 697-703, 2006.

KENNEDY, M.C. Anabolic steroid abuse and toxicology. **Australian And New Zealand Journal Of Medicine**, v. 22, n. 4, p.374-381, ago. 1992.

KINDLUNDH, A.M.; HAGEKULL, B.; ISACSON, D.G.; NYBERG, F. **European Journal**. p.322-328, 2001.

LANTZ, C.D.; RHEA, D.J.; CORNELIUS, A. Muscle dysmorphia in elite-level power lifters and bodybuilders: a test of differences within a conceptual model. **J Strength Cond Res**. v. 16, n. 4, p. 649-655, 2002.

LEGNANI, R.F.S. et al. Transtornos alimentares e imagem corporal em acadêmicos de Educação Física. **Motriz. Revista de Educação Física**, São Paulo, v.18, n.1. p. 84-91, Jan./Mar. 2012.

LIMA, O.D..M de.; SANTOS, A.M. Importância da informação sobre o abuso do uso de esteróides anabolizantes andrógenos na adolescência. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 14, Nº 134, Julho de 2009.

MAIOR et al., 2009. Uso de esteróides anabólicos em duas cidades do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v.3, n.18, p.580-591. Nov/Dez. 2009

MARÍAS, J. **O tema do homem**. Problemas atuais e suas fontes. Livraria Duas Cidades, 336 p., 1975.

MATSUO, R.F., et al. Imagem corporal de idosas e atividade física. **Rev. Mackenzie Educ. Fís Esporte.**, v. 6, n. 1, p. 37-43, 2007.

MATTANA, A. S. **Consumo, Mídia e Beleza**: a Mídia como Mediadora de Padrões de Comportamentos Femininos e Masculinos.

MAYVILLE, S. B., et al. **Development of the Muscle Appearance Satisfaction Scale: a self report measure for the assesment of muscle dysmorphia symptoms**. Assesment. V. 9, n. 4, p. 351-360, 2002.

MORRIS, C. G. **Introdução à Psicologia** – São Paulo 6ªed. Prentice Hall, 2004

NÓBREGA, F. J. **Distúrbios da Nutrição: na infância e na adolescência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 2007.

NOVAES, J. **Estética – O corpo na Academia**. Ed. Shape, 2001.

OKANO, G., et al. Disordered eating in Japanese and Chinese female runners, rhythmic gymnasts and gymnasts. **International Journal Sports Medicine**. V. 26, p. 486-491, 2005.

PERRY, P. J., et al. Anabolic steroid use in weightlifters and bodybuilders: an internet survey of drug utilization. **Clin J Sport Méd**. V. 15, n. 5, p. 326-330, 2005.

PHILLIPI, S. T. et al. **Transtornos alimentares: uma visão nutricional**. São Paulo: Manoel, 2004.

POPE, H.; PHILIPS, A. K.; OLIVARDIA, R. **O complexo de Adônis: a obsessão masculina pelo corpo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000

PORTER, R. **História do corpo**. In: BURKE, P. A escrita da história. São Paulo, Unesp, 1992

RIBEIRO, L. G.; VEIGA, G. V. Imagem corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares em bailarinos profissionais. **Rev Bras Med Esporte**, v.16, n.2, p. 99-102, 2010.

ROGATTO, G.P. Composição corporal e perfil antropométrico de ginastas masculinos. **Revista Digital de Buenos Aires**. n. 62, 2003.

SAIKALI, C.J., et al. Imagem corporal nos transtornos alimentares. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 31, n. 4, p. 01-15, 2004.

SANTIN, S. **Uma abordagem filosófica da corporeidade**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

SERAFINI, M.; COMINOTTI, W.; ANDRADE, T.U. **Perfil dos usuários de esteróides anabólicos androgênicos em academias da grande Vitória – ES** [Trabalho de Conclusão de Curso]. Vila Velha: Centro Universitário Vila Velha. Curso de Farmácia, 2006.

SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. In: **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 9, p. 83-114, 2012.

Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/345>>. Acesso em: 07 set. 2017.

SILVA et al., Prevalence of the Use of Anabolic Agents among Strength Training Apprentices in Porto Alegre, RS. **Arq Bras Endocrinol Metab**, 2007.

SILVA, L.S.M.F.; MOREAU, R.L.M. Uso de esteróides anabólicos androgênicos por praticantes de musculação de grandes academias da cidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 39, n. 3, p.327-333, set. 2003.

SILVA, M.O.; LONDERO, R.R. Imagens que consumimos, imagens que nos consomem: afetações do corpo na era da virtualidade. **Discursos Fotográficos**, [s.l.], v. 11, n. 18, p.13-33, 27 jun. 2015. Universidade Estadual de Londrina.

VIEBIG, R.F, et al. Estudo antropométrico de ginastas rítmicas adolescentes. **Revista Digital de Buenos Aires**. n. 99, 2006.

YESALIS, C.E. Anabolic androgenic steroids and the adolescent. **Pubmed**, Charlottesville, p.186-188, mar. 1992.

Aluna: Manuela Lauand Ascensão

Orientador: Carlos Alberto Anaruma